

Marcelo BARROS - Frei BETTO



# O amor fecunda o Universo

Ecologia e espiritualidade

**A**

AGIR

# O amor fecunda o Universo

ECOLOGIA E ESPIRITUALIDADE

Marcelo Barros  
Frei Betto

**A**

---

AGIR

Copyright © 2009, Marcelo Barros e Frei Betto

*Capa*

Sérgio Campante

*Foto de capa*

Scott Sinkler/Corbis/LatinStock

*Preparação de original*

Jorge Amaral

*Revisão*

Rebeca Bolite

Patrícia Reis

*Produção editorial*

Maira Alves

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte. Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

---

B273a Barros, Marcelo

O amor fecunda o universo: ecologia e espiritualidade / Marcelo Barros e Frei Betto; posfácio de Alex Zanotelli. – Rio de Janeiro: Agir, 2009.

Apêndice

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-220-1000-4

1. Ecologia humana. 2. Ecologia social. 3. Civilização moderna.  
4. Natureza. 5. Espiritualidade. I. Betto, Frei, 1944-. II. Título.

08-5185

CDD: 304.2

CDU: 504.03

---

Todos os direitos reservados à

AGIR EDITORA LTDA. – Uma empresa Ediouro Publicações

Rua Nova Jerusalém, 345 – CEP 21042-235 – Bonsucesso – Rio de Janeiro – RJ

Tel.: (21) 3882-8200 fax: (21) 3882-8212/8313

*A Leonardo Boff, mestre, irmão e amigo,  
com o qual aprendemos muito do que aqui está escrito.  
À ex-ministra Marina Silva, testemunha de espiritualidade  
evangélica e ecológica, guardiã da Terra  
e da natureza no Brasil.  
E ainda ao padre José Comblin,  
que nos iniciou na teologia que vem da prática  
e na espiritualidade da libertação.*

# Sumário

- 9 Para começar a conversa
- 15 INTRODUÇÃO. Os novos ventos que movem o Universo
- PRIMEIRA PARTE
- Os gemidos da criação
- 31 CAPÍTULO 1. Os sinais dos tempos difíceis
- 51 CAPÍTULO 2. A resistência da Terra e da vida
- SEGUNDA PARTE
- A manifestação divina no Universo
- 73 CAPÍTULO 3. O rosto divino da natureza
- 93 CAPÍTULO 4. A ecologia e a Bíblia judaica
- 133 CAPÍTULO 5. Em busca das fontes de um cristianismo ecológico
- TERCEIRA PARTE
- Cuidar do futuro para viver melhor
- 163 CAPÍTULO 6. Um programa para o futuro
- 193 CAPÍTULO 7. Novos paradigmas — ciência e espiritualidade

203	CONCLUSÃO. Espiritualidade e educação ecológica
211	POSFÁCIO. Rede de movimentos para um outro mundo possível (por Alex Zanotelli)
217	APÊNDICE 1. Princípios constitutivos de uma democracia da comunidade terrena (por Vandana Shiva)
223	APÊNDICE 2. Carta da Terra
237	NOTAS

## Para começar a conversa

*Tornar-se divino é tornar-se uno com a Criação.*

(GANDHI)

Todo livro é uma tentativa de conversa entre quem escreve e quem lê. Mesmo se não podemos estabelecer um diálogo imediato e direto com o(a) leitor(a), a proposta deste livro é provocar conversas e aprofundamentos posteriores. Nós o escrevemos como se estivéssemos diante de você e para uma conversa sobre um assunto que diz respeito a todos nós: a comunhão com a natureza. Queremos fazer isso, não como um estudo técnico, mas como uma celebração da vida, assistindo juntos a um pôr-do-sol deslumbrante, à margem de um rio de águas límpidas. Podemos nos sentir assim porque o cuidado com a vida na terra, nas águas e no ar é um ato de amor, e todos nós podemos vivê-lo como um caminho espiritual, proposto pela maioria das tradições religiosas e espirituais.

O cuidado com a natureza precisa de conhecimentos técnicos, de aprofundamento científico e de um trabalho social e político coerente. Entretanto, o ser humano só mudará a sua forma de relacionar-se com os seus semelhantes e com os outros seres vivos se optar por um olhar de amor sobre o Universo e, ao aprofundar a relação

consigo mesmo, aceitar vislumbrar por trás de cada ser do Universo a marca divina. A proposta deste livro é aprofundarmos o caminho pelo qual podemos testemunhar o amor que fecunda o Universo, o elemento que une tudo o que existe.

Este livro se soma a muitos estudos e ensaios excelentes publicados sobre este assunto.<sup>1</sup> Entretanto é diferente porque se propõe a ser um ensaio sobre teologia e espiritualidade ecológica, a partir das referências e opções de uma Teologia da Libertação que seja cristã e pluralista, particularmente inserida nas culturas indígenas e negras latino-americanas. Que esta espiritualidade ecumênica e ecológica possa colaborar com um projeto de ecossocialismo alternativo ao sistema capitalista vigente, e que possa crescer com as diversas propostas elaboradas pelas comunidades populares.

Temos consciência de que estamos apenas esboçando o assunto. Este livro, assumidamente restrito e incompleto, foi escrito como um diálogo com pessoas e grupos que pertencem a comunidades de tradição cristã. O subtítulo *Ecologia e espiritualidade* indica que o objetivo deste estudo é centrar-se na contribuição da teologia bíblica e cristã para quem quer desenvolver uma espiritualidade ecológica. Isso não exclui a atenção à preciosa herança de outras tradições espirituais. Sempre que possível faremos referências a elas e até mesmo lhes dedicamos um capítulo. Apenas, por questão metodológica, nos concentraremos mais em um olhar sobre o que podemos apreender da Bíblia e da tradição judaico-cristã sobre ecologia e como isso pode nos ajudar a construir uma espiritualidade ecológica no mundo atual.

Temos de nos unir a todas as pessoas tocadas pelo espírito, em qualquer tradição religiosa, e também aos que não professam

nenhuma fé, mas valorizam a vida e amam a natureza, para juntos consolidarmos uma ecologia profunda. Também sabemos que o cristianismo, por sua própria natureza de discipulado de Jesus, deve ser “aberto a tudo o que é humano”, como expressou Tertuliano, um cristão do século II.

Como diz o Evangelho de João em seu início: “A Palavra era a Vida e a Vida era a Luz dos seres humanos”. Na tradição judaica, dizia-se que a lei (a Torá) era a Luz. Sendo assim, o Evangelho afirma que a verdadeira “lei de Deus” (luz) é a vida e tudo o que favorece a vida. Convidamos você que está começando a ler estas páginas a partilhar conosco e aprofundar este amor à vida e à contemplação de Deus como Espírito de Vida.

Desde os tempos antigos, as Igrejas cristãs se inspiram em um salmo bíblico e oram: “Envia teu Espírito, ó Deus da Vida, e renovarás a face da terra” (Salmos 104,30).

*Para um observador clarividente que olhasse por muito tempo e de muito alto, a Terra, nosso planeta, pareceria antes de tudo azul, por causa do oxigênio que a envolve; depois, verde, pela vegetação que a recobre, e finalmente luminosa — sempre mais luminosa —, pelo pensamento que se intensifica em sua superfície.*

*Entretanto, ao mesmo tempo, o planeta parece sombrio — sempre mais coberto de sombras, sombras de um sofrimento que cresce em quantidade e em densidade no mesmo ritmo que se eleva a consciência no decorrer dos tempos.*

PIERRE TEILHARD DE CHARDIN<sup>1</sup>

## INTRODUÇÃO

# Os novos ventos que movem o Universo

Desde o século XVIII, quando os bandeirantes e aventureiros de São Paulo penetraram no Centro-Oeste brasileiro à procura de ouro e de índios, até hoje, quando se retoma o projeto de uma nova rodovia de Brasília a Cuiabá, o misterioso paredão de pedras que atravessa quilômetros se levanta como uma espécie de barreira que exige parada e reflexão. De fato, a “Serra Dourada”, esta cadeia montanhosa que atravessa diversos municípios do cerrado goiano, divide os territórios da histórica Goiás, do velho Mossâmedes que, até há pouco mais de um século, era um aldeamento para amansar “bugres brabos”, ou seja, índios que não aceitavam ser escravos. Dizem que a serra foi ficando amarelada de tanto ver injustiças e opressões. Os brancos que só pensam em riquezas viram a serra amarelada e julgaram ser por causa do brilho do ouro em seus veios de pedra. Denominaram-na, por isso, de Serra Dourada. Ao aproximar-se da cidade de Goiás, o majestoso paredão se enriquece de picos para que melhor se contemple, do mais alto ponto, o planalto agreste, tão amplo que no horizonte se torna azul e se faz um só com o céu sem nuvens. Dizem que ali, sobre um daqueles pontos mais altos e mais próximos do céu, há uma pedra misteriosa que os índios chamavam de “Salto do Vento”. É um recanto sagrado que nenhum branco sabe com certeza

designar onde fica. Ali, naquele ponto do paredão vertical, muitos guerreiros kaiapós voaram para os campos sem escravidão, para não serem aprisionados pelos algozes de Mossâmedes.

Até hoje, os espíritos dos antepassados rondam aquele lugar sacrossanto e — no corpo do urubu-rei, que sempre nos fins de tarde sobrevoa o paredão — velam sobre aquele santuário desconhecido. Agora, os espíritos que fecundam os filhos do povo do cerrado choram não mais apenas os filhos que se suicidavam no Salto do Vento, mas também o cerrado goiano, assassinado pelas imensas fazendas de soja e pela tendência de a região se tornar um imenso canalial para produzir etanol e abastecer os carros dos norte-americanos.

Ao convidarmos você, amigo(a) leitor(a), para entrar em comunhão com estes espíritos do cerrado, o bioma brasileiro mais ameaçado, começamos uma conversa afetuosa sobre ecologia e espiritualidade.

Ao saber que estávamos escrevendo este livro, um amigo nos interpelou sobre que tipo de livro seria. Queria saber se se tratava de um escrito religioso ou se era mais cultural, poético ou realmente científico. Não explicou exatamente o que queria dizer com *científico*. Provavelmente, na concepção comum das pessoas, o termo “ciência” recobre tudo o que pode ser experimentalmente verificável. Quando alguém quer reforçar uma afirmação diz: “Isso está cientificamente comprovado.” Comumente, é científica a afirmação baseada em dados objetivos e verificáveis. Para a maioria, *ciência* é um termo que evoca um conhecimento sistemático e universal. Antigamente, o conhecimento era mais abrangente e sintético. Uma pessoa podia ser ao mesmo tempo, matemático, químico, médico e filósofo.

A ciência moderna se desenvolveu a partir da “especialização”. Hoje, um médico é cardiologista, especializado no ventrículo esquerdo do coração, um dentista é especialista em fazer tratamento de canal e um ortopedista se especializa em doenças do joelho. A especialização se tornou necessária em um mundo cada dia mais complexo. Por outro lado, setoriza tudo a tal ponto que a ciência se torna menos humana. É mais ciência técnica e menos saber humano.

Quem procura nestas páginas esse tipo de ciência pode se decepcionar. Apesar de incluirmos aqui muitos frutos de pesquisa e procurarmos sempre que possível citar os doutores da academia, preferimos escrever como quem conversa com os amigos e unir mais vida, conhecimento técnico, poesia e espiritualidade.

Certamente, todos concordam: nenhuma ciência é neutra. Não é gratuito o fato de se pesquisar um campo do conhecimento e não se aprofundar em outro. Em geral, atualmente, quem financia as pesquisas científicas são empresas multinacionais, que o fazem com interesses econômicos muito precisos e pouco “culturais”, se quisermos usar este termo no sentido mais comum. É sempre importante perguntar: a quem serve tal conhecimento “científico”?

Com relação à natureza, desde o século XVI, o trabalho da ciência se tornou praticamente o de dominar e controlar a natureza para servir aos interesses da sociedade dominante. Por que a visão de um povo indígena sobre a terra e a água não é científica? Seria justo a ciência ocidental e moderna, que se pretende “universal” e de certa forma “única”, substituir todas as visões anteriores da vida, julgadas como algo primitivo que deve ser superado?

“Os gregos antigos faziam diferença entre ciência e técnica. O saber científico consistia na contemplação da ordenação racional do

Universo, compreendido justamente como *cosmos*, isto é, ordem. A ciência era o conhecimento do equilíbrio e da harmonia do mundo. A ética e a política deveriam ser uma expressão humana dessa ordenação que é a ciência. A técnica era um saber instrumental e empírico sobre questões de aplicação pragmática; ocupava o lugar mais baixo na hierarquia do conhecimento.”<sup>2</sup>

No mundo inteiro, muitos grupos e pessoas buscam uma nova concepção de ciência que, em vez de progredir explorando o objeto pesquisado, procura entrar em sintonia, em comunhão com ele. É a busca de uma ciência mais humilde e dialogadora, que parte de critérios diferentes do conhecimento. Parte do respeito ao mistério do ser e à complexidade da vida.

Toda pessoa que usa as técnicas modernas percebe o valor desse progresso. Quem teve um filho ou filha que precisou de atendimento médico urgente agradece o avião que trouxe o médico capaz de salvar vidas. Quem tem entes queridos em outro continente fica feliz em poder comunicar-se por telefone ou internet. A maioria da humanidade celebra feliz a evolução da ciência contemporânea. Mas é cada vez maior o número de pessoas que não pode aceitar que, em nome da ciência, se estabeleça uma tirania da racionalidade e do interesse do lucro, que desrespeite valores éticos e culturais, assim como destrua a Terra e o ambiente ecológico que nos cerca.

## Novos paradigmas e o caminho ecológico

Desde as primeiras décadas do século XX, a ciência moderna foi convidada a despojar-se da pretensão de dizer a última palavra

sobre qualquer coisa. A física quântica se abriu ao princípio da indeterminação e à teoria da complexidade. Mais tarde, o cientista Thomas Kuhn formulava que toda ciência humana precisa desenvolver-se a partir de “novos paradigmas”.<sup>3</sup>

O termo *paradigma*, aqui, significa um critério básico a partir do qual se funda uma determinada teoria ou explicação de conjunto. No mundo antigo, o sábio Ptolomeu ensinou que a Terra é o centro do Universo e o Sol gira em torno dela. Esta compreensão do Universo e da própria vida (porque assim como a Terra é o centro do Universo, o ser humano é o centro da Terra) marcou e fundamentou a ciência em seus diversos ramos. Uma medicina que entende como normal o ato de matar qualquer animal, com a crueldade que for necessária, para fazer a pesquisa que parecer útil à vida humana, se baseia até hoje neste paradigma. No século XVI, Nicolau Copérnico provou que a Terra não é o centro do Universo. O Sol é apenas o centro da nossa constelação (a Via Láctea), e é a Terra que gira em torno do Sol. Essa descoberta definiu um novo paradigma para a ciência e até para a fé. Em meados do século XX, passaram-se a chamar *paradigma* os critérios de base a partir dos quais nos relacionamos com nós mesmos, com nossos semelhantes e com toda a natureza.

A destruição do meio ambiente e a degradação da atmosfera são causadas por esse modelo de civilização moderna e por uma compreensão de ciência que lhe dá o direito de explorar e subjugar a natureza aos interesses da sociedade dominadora.

A ecologia já surgia como estudo no século XIX. Seu primeiro formulador, Ernst Haeckel (1834-1919), a definia como “estudo do inter-retro-relacionamento de todos os sistemas vivos e não vivos entre si e com o seu meio ambiente”.<sup>4</sup> A ecologia não é a ciência do

meio ambiente em si, ou o estudo das espécies vivas. Não se confunde com a biologia, ou com a zoologia, ou a fitologia. É o estudo da relação que une todos os seres. Nesse sentido, desde o seu surgimento, a ecologia se inspira em um novo paradigma do conhecimento e do comportamento humanos.

### A amplitude da ecologia

Todo mundo sabe que a preocupação ecológica tem suscitado diversos movimentos e correntes de pensamento. Alguns grupos pretendem preservar a natureza e outros aceitam a interferência da humanidade, desde que respeitosa. Existem os que privilegiam a ecotecnologia, que procura corrigir os erros cometidos pelo modelo de desenvolvimento depredador. Outros julgam mais importante insistir na ecopolítica, que visa criar estratégias de desenvolvimento sustentável que garantam um planeta habitável para as gerações futuras. Nenhuma dessas correntes é excludente. Leonardo Boff fala de quatro ecologias: a ecologia ambiental, a ecologia social, a ecologia mental e a ecologia integral.<sup>5</sup>

No início dos anos 1970, o filósofo norueguês Arne Naess formulou a corrente de pensamento a que chamou de “ecologia profunda” (*Deep Ecology*).<sup>6</sup> A ecologia profunda propõe que cada pessoa procure desenvolver o que seu fundador chama de “sabedoria ecológica”, ou seja, a soma de uma intensa experiência individual de contato com a natureza como caminho para um reencontro interior consigo mesmo, e o aprofundamento de uma atitude crítica e engajada na luta pacífica pela justiça na sociedade. Como caminho ecológico, propõe

que cada pessoa seja levada a um contato direto e pessoal com a natureza e, mesmo sendo um recanto pequeno ou limitado, seja uma parte da natureza ainda não totalmente dominada pelo ser humano. Segundo Naess, este contato insubstituível provoca uma sabedoria ecológica que integra o ser humano no conjunto do Universo.

A ecologia profunda parte de uma visão cosmocêntrica. O ser humano não é o centro da vida. É compreendido como parte fundamental da natureza. Estamos todos de acordo com isso. A destruição ecológica não acontece por má vontade ou insensibilidade dos capitalistas maus, mas é decorrência da própria lógica do sistema. A causa de todos os males, diz a ecologia profunda, é o antropocentrismo da civilização ocidental. Quase todas as pessoas que aprofundam o assunto aceitam e concordam com isso. Entretanto, existem correntes da psicologia profunda que vêem a solução da ecologia na divinização da natureza, na redução drástica da população humana a algumas centenas de milhões de pessoas e na volta ao modo de viver herdado do passado. A ética biocêntrica levou alguns ecologistas, como Paul W. Taylor, a dizer que “em certas circunstâncias pode ser mais grave matar uma planta selvagem do que matar uma pessoa”. Arrancar uma planta rara ou em extinção pode colocar em perigo a sobrevivência da espécie. Ele chegou a afirmar que, em algumas situações, seria preferível comer carne humana a carne animal. “Se se adota como princípio supremo o direito igual de todas as espécies vivas à existência, imaginemos: dois botânicos naufragam em uma ilha na qual só existe uma planta comestível e esta é uma espécie vegetal raríssima. Eles não teriam outra saída senão comer um ao outro.”<sup>7</sup>

Este tipo de pensamento corresponde, no plano da ecologia, ao que é o movimento fundamentalista no plano das religiões. Absor-

lutiza um pensamento isolado e opõe o valor do ser humano ao dos outros seres. É preciso saber que essas correntes não representam o conjunto dos que defendem a ecologia profunda. Esta é mais profunda, mais equilibrada em suas propostas e mais diversificada. Aqui nestas páginas, preferimos falar das quatro ecologias apresentadas por Leonardo Boff e relacionar toda esta preocupação ecológica com a espiritualidade ecumênica e pluralista.

## Ecologia e espiritualidade

O discurso e o compromisso ecológico serão profundos se mudarem radicalmente nosso modo de ser com nós mesmos, com os outros e na relação com a natureza. Infelizmente, existe um trabalho ecológico que fica no nível meramente formal ou romântico e inócuo. Na realidade, ninguém consegue aprofundar um verdadeiro amor à natureza senão através de certo refinamento do seu espírito. Já na Antiguidade, Heráclito dizia: “A morada do ser humano é o extraordinário.” Esta abertura para o “ser mais e mais” supõe uma contínua conversão do coração para “o amor consciente à vida” na direção de uma “espiritualidade naturalista”, como era a proposta de diversos filósofos como Kant, Hegel e Nietzsche e, atualmente, é desenvolvida por pensadores como Robert Solomon.<sup>8</sup>

Espiritualidade é uma palavra estranha à Bíblia e às culturas antigas. Em certos círculos, espiritualidade é confundida com *espiritualismo*, movimento que opõe matéria e espírito. Nos últimos cinquenta anos, muitos se esforçaram para superar o dualismo entre corpo e alma, matéria e espírito. Se se compreende “espiritual” como

aquilo que não é material, não podemos falar em “espiritualidade ecológica”. Em línguas antigas como o hebraico, “espírito”, *ruah*, significa ventania, sopro. Indica todo ser que respira. Portanto, todo ser vivo é espírito, ou portador de espírito. Este princípio de vida não é apenas o ponto de partida da vida animal. É a fonte do amor, dos sentimentos e da unidade entre os seres. Ter espírito significa ter capacidade de verdadeira relação e de criar unidade. Segundo a pesquisa científica mais atual, a vida é essa teia de relações. Conforme Fritjof Capra, físico e teórico de sistemas, passou a existir vida e espírito quando os primeiros prótons se relacionaram e se constituíram como um esboço de unidade primordial: “Mesmo nas mais minúsculas células, bactérias chamadas de *microplasma*, uma complexa rede de processos metabólicos opera ininterruptamente. (...) A vida contínua não é propriedade de um único organismo ou espécie, mas de um sistema ecológico. (...) Não existe nenhum organismo individual que viva em isolamento.”<sup>9</sup>

Já nas primeiras décadas do século XX, Theillard de Chardin dizia que à medida que a vida evolui, vai se tornando mais complexa em graus cada vez mais profundos, até que o espírito humano alcança o nível cósmico. Isso significa que todos os seres são expressões dessa energia de relação cósmica a que podemos chamar de “espírito”. Possuem, assim, certa interioridade. São grávidos do espírito no sentido do amor divino que as religiões reconhecem na base de todo o Universo.

Em diversas culturas, espiritualidade designa a capacidade de discernir o espírito presente em tudo o que existe. Os cristãos chamam de “espiritualidade” uma vida conduzida pelo Espírito Divino.

O teólogo suíço Hans Urs von Balthasar, que não aceitava a teologia da libertação, descreve assim a espiritualidade: “É a atitude fundamental, prática ou existencial, que é consequência e expressão que a pessoa dá à sua existência religiosa, ou mais geralmente, ao seu compromisso ético.”<sup>10</sup>

Uma espiritualidade “naturalista” se propõe a ir além das religiões (sem rejeitá-las) como atitude de amor que redescubra o encanto da vida presente em nós mesmos, em todo ser humano e no Universo. Defender a natureza agredida e desrespeitada já não é, hoje, uma atitude “natural” ou espontânea, como pode ter sido em culturas ancestrais. Mesmo culturas ainda muito rurais ou pouco ligadas à técnica moderna se sentem menos dependentes do ambiente que as envolve, e aprenderam que podem transformá-lo. Antigamente, até poderiam fazê-lo, mas deveriam, antes, pedir permissão aos deuses. Hoje, sentem como se não tivessem mais tanta certeza se os deuses continuam tomando conta dos elementos naturais tão ameaçados e agredidos pela humanidade. A reação comum é a decepção e certo distanciamento de uma atitude reverencial para com a natureza.

A espiritualidade ecológica não é voltar a uma religião do medo ou da dependência das forças cósmicas, mas instaurar uma comunhão reverencial com o mistério mais profundo, presente em cada ser. Isso exige de cada pessoa uma contínua conversão na forma de lidar consigo mesma, com os outros e com a natureza. Não é preciso pensar que, primeiramente, deve-se trabalhar o nível individual e íntimo para depois se passar ao social. A relação entre o pessoal e o social é dialética. Um não se dá profundamente sem o outro.

Cristãos e não-cristãos reconhecem a figura de Francisco de Assis como alguém que, segundo a história, conseguiu viver em profunda comunhão com todos os seres do Universo. Um franciscano que conhece bem a biografia desse irmão universal escreve: “Em Francisco, o amor pelas criaturas aparece como a última floração da conquista ascética sobre si mesmo e, ao mesmo tempo, o autocontrole lhe vem do amor às pessoas e a todas as criaturas. O irmão Francisco amou e cantou a natureza, e foi transformando sua natureza interior em um jardim. Conforme o seu biógrafo Tomás de Celano, ele atingira ‘o frescor do ser humano matinal’. O tratamento fraterno com todos os seres só foi plenamente possível porque ele trabalhava cotidianamente a reconciliação consigo mesmo. Ele sabia que para pegar a pata do lobo de Gubbio, tinha que segurar a pata do lobo que vivia dentro de si mesmo.”<sup>11</sup>

Não existe ecologia profunda sem administração não-violenta dos conflitos. É preciso uma atitude permanente de desarmamento interior, de superação de hostilidades e desativação de certas paixões descontroladas que levam à injustiça e à prepotência. Toda postura de defesa da natureza que não revê a ideologia machista é superficial, porque a mesma ideologia que levou o planeta à destruição atual foi a que oprimiu a mulher.

Entretanto, antes de entrar diretamente no assunto da espiritualidade, queremos seguir o método consagrado na caminhada popular da América Latina (ver, julgar e agir) e convidar vocês a dar, pelo menos, uma rápida olhada na realidade ecológica do mundo e do nosso país e ver em que a proposta de uma ecologia profunda pode contribuir para transformar.

## PRIMEIRA PARTE

# Os gemidos da criação

*Sabemos que toda a criação, a um só tempo, geme e suporta angústias do parto até agora. E não somente ela, mas também nós, que temos as primícias do Espírito, igualmente gememos em nosso íntimo, aguardando a adoção de filhos, a redenção do nosso corpo.*

CARTA DE PAULO AOS ROMANOS 8,22-23

*Estudei biologia para compreender a beleza da vida.*

*Comecei com a ecologia dos animais, mas não era suficiente.*

*Procurei, então, um nível mais profundo, o estudo dos tecidos, depois da química. Finalmente, me aventurei nas profundezas da mecânica quântica. No entanto, quando cheguei lá, vi que, no caminho, o milagre da vida tinha, de alguma forma, escapado de minhas mãos.*

ALBERT SZENT-GYORGYI, biólogo